

Jornalismo Velado e o Racismo: a importância da linguagem na cobertura brasileira de Charlottesville¹

Aline Lima RAMALHO²

Samuel Pantoja LIMA³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O artigo, escrito originalmente como trabalho final da disciplina de Teoria do Jornalismo, compara a cobertura jornalística feita pelo Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, BBC Brasil e Nexo Jornal sobre as manifestações em Charlottesville ocorridas no dia 12 de agosto de 2017. Tem como objetivo identificar como a linguagem empregada nas notícias possui um papel fundamental na criação de sentidos e manutenção estrutural do racismo. Para isso, são analisados os princípios editoriais de cada veículo, onde estava o repórter, ou seja, o local onde a notícia foi escrita, a manchete, a linha fina e o lide/abre.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; teoria do jornalismo; racismo; Charlottesville; linguagem.

TEXTO DO TRABALHO

A luta que é travada no interior do campo jornalístico gira em torno do ato de nomear, pois, nele, se encontra o poder de incluir ou de excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicar e tornar público. (BERGER, p. 22, 1998)

O que Berger (1998) apresenta em seu livro *Campos em Confronto: a Terra e o Texto* que a “luta travada no interior do campo jornalístico” é como uma disputa de linguagem, de nomear ou não algo e ao afirmar que o poder também está em incluir ou excluir. É possível relacionar essa disputa com a importância do uso de termos específicos dentro do jornalismo, principalmente em casos em que a palavra carrega uma compreensão histórico-social.

A proposta deste trabalho é relacionar a linguagem como fator de omissão ou resistência em relação às manifestações de racismo presentes na mídia, utilizando como

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, e-mail: aline.ramalho.alr@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo UFSC, e-mail: samuca13@gmail.com

objeto de análise matérias publicadas pelo Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, BBC Brasil e Nexo Jornal sobre o ato realizado em Charlottesville, no estado da Virgínia (EUA), em 12 de agosto de 2017.

Como opressão estrutural na sociedade, o racismo se faz presente de formas mais agressivas, e automaticamente mais perceptíveis, mas também de formas brandas e muito presentes na sociedade, como por exemplo utilização da palavra ‘denegrir’ para indicar algo difamatório, quando o significado real é “tornar-se negro”, associando algo ruim ao ser negro. Desta forma, o jornalismo como instituição social fundada na credibilidade e no princípio de relatar com objetividade e veracidade, e usuário da linguagem como ponte até o receptor de sua notícia, muitas vezes reproduz não só estereótipos pejorativos, como também manifestações racistas.

De acordo com o último Censo do IBGE (2010), cerca de 52% da população é composta de pessoas negras — englobando as autodeclaradas pretas e as autodeclaradas pardas. Se analisados os números de negros como fontes de reportagens, apresentadores, repórteres, editores ou mesmo personagens de matérias variadas que vão além da situação de violência, será possível perceber uma enorme lacuna — pessoas negras estão longe de representar a metade desses papéis na imprensa. (THINK OLGA, p. 6, 2016).

O que a Organização Não Governamental (ONG) Think Olga aponta, é uma disparidade entre o número de negros autodeclarados no país e sua presença e representação na mídia, que é em sua maioria reproduções de estereótipos dentro da cobertura de violência, corpo e notícias sobre violência. De acordo com o Mini Manual de Jornalismo Humanizado, parte III sobre Racismo, publicado em 2016 pelo Think Olga, menos de 2% da população negra está presente nos noticiários.

Essa disparidade entre a realidade da raça populacional brasileira, que é 52% negra e o imaginário criado pela imprensa de uma população 98% branca, além de prejudicar a identidade e representatividade de pessoas negras, também colabora para a sedimentação de estereótipos ligados a o que é ser negro (violência, pobreza e mulher “mulata tipo exportação”).

Durand (1999) em um ensaio sobre o imaginário, acrescenta que o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias, mas também, na penumbra de um inconsciente revelador de imagens do sonho,

da poesia, da fantasia, da imaginação enfim. Imagens estas que – para nós – reproduzidas ritualisticamente através das notícias cotidianas, vão ordenar o caos social, conferindo-lhe sentidos que permitem a cada um compartilhar o inusitado, familiarizar-se ‘mitologicamente’ com o aberrante através de dramas infinitamente repetidos. (apud MOTTA, 2000, p. 6).

Motta (2000), a partir de Durand (1999), explica como a constante ótica em que a população negra é colocada na imprensa cria e solidifica o imaginário de um país branco e de uma sociedade racista. Não basta trazer os negros ligados aos estereótipos acima para a notícia, é preciso que quando a pauta for taxa de homicídios no Brasil, se faça um recorte de raça. Pois, esse o alto índice reflete a marginalização estrutural que as pessoas negras sofreram com a escravidão, e como a abolição não tomou medidas para incluir essas pessoas na sociedade. É importante ligar os dados a um contexto histórico-social e levar o leitor a uma análise desses dados para além dos números.

A forma como elas [pessoas negras] são retratadas nos jornais, revistas, sites e programas televisivos é extremamente estereotipada negativamente, reforçando um imaginário racista e invisibilizando os diferentes papéis que ocupam na sociedade [...] Como resultado, na imprensa a população negra continua aparecendo nos antigos papéis de criminosas, vítimas da violência e da pobreza e ‘mulata tipo exportação’ (THINK OLGA, 2016, p.6-7.).

Como apresentado pelo Mini Manual do Jornalismo Humanizado, parte III - Racismo, é necessário que as pessoas negras possam, na imprensa, mostrar que ocupam papéis na sociedade que se diferem dos estereótipos existentes e constantemente utilizados. Para isso, basta utilizá-las não apenas como fonte personagem para contar uma história trágica, mas como fonte especialista, seja em qual ramo for, para falar sobre assuntos que não restringem a ser homem ou mulher negra.

A noção de imparcialidade jornalística também pode interferir na cobertura de casos que envolvam racismo, pois a política do jornal, mesmo propensa a respeitar os direitos humanos, pode se calcar na ideia de pluralidade, ouvir todos os lados, em busca da imparcialidade.

Este trabalho não tem como objetivo apontar e comparar as teorias de jornalismo sobre o assunto, mas o posicionamento que tomo é que a imparcialidade em busca de uma objetividade no processo de apuração jornalística deve existir, mas ela nunca pode ser buscada, ou alcançada numa ótica de isenção. Pois até mesmo a escolha de uma palavra

em detrimento de outra carrega uma subjetividade que às vezes, não é nem perceptível conscientemente pelo repórter.

Os mitos só têm força e significado se foram constantemente recontados [...] Na reportagem, a moderna forma de recontar diariamente os mitos, o narrador procura pretensamente localizar-se sempre na posição de testemunha imparcial e narra na forma de um discurso indireto. Ele evita tomar posição, intervir, julgar, acrescentar. (RICOEUR, 1983, apud MOTTA, 2000, p. 13).

Contudo, é passível que em busca de um ideal inalcançável de imparcialidade jornalística, direitos humanos, ou mesmo os princípios editoriais internos dos jornais sejam negligenciados? Para responder esta pergunta, este trabalho analisará quatro notícias publicadas sobre a manifestação ocorrida em Charlottesville em 12 de agosto de 2017 com alinhamento político de extrema direita e posicionamentos abertamente racistas.

Antes de analisar as notícias dos jornais Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, BBC Brasil e Nexo Jornal, será apresentado os posicionamentos editoriais publicamente disponibilizados e utilizados como norteador de todo conteúdo publicado pelo jornal.

A carta do que abre o Código e Conduta de Ética do Estado de São Paulo é escrita pelo presidente e já apresenta, nos valores da empresa a responsabilidade social: “É dever do Grupo Estado estimular a adoção de posturas firmes e inovadoras diante de questões relacionadas à ética e à responsabilidade social, imprimindo qualidade superior à relação empresa-empregado-sociedade”.

Entrando especificamente no código de jornalismo o Estado de São Paulo, apresenta na missão um “Comprometido com os valores proclamados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o Grupo Estado está sintonizado com o presente e o futuro dos brasileiros, com a defesa de seus valores culturais, éticos e históricos e a preservação do seu patrimônio natural”. Além disso, o terceiro princípio geral aponta que: “O Grupo Estado garante aos setores minoritários a manifestação de suas opiniões e condena editorialmente todo estereótipo racial, religioso, étnico e sexual”.

No dia 12 de agosto de 2017, no início da tarde, às 14h26min o jornal Estado de São Paulo publicou em seu site uma notícia com a seguinte manchete: “Dia de manifestação de supremacistas brancos termina em violência e 3 mortes nos EUA”, seguido pela linha fina: “Estado da Virgínia decreta emergência; analistas e veículos de

imprensa americanos classificaram atropelamento durante marcha de 'ato de terrorismo doméstico'". A notícia foi escrita por uma correspondente internacional em Washington.

O jornal, que tem uma postura de cobertura hard news, ou seja, mais factual e menos analítica apresenta uma notícia com um lide tradicional que explica o que aconteceu na manifestação com foco nos acidentes. Mesmo com uma notícia factual que, em sua estrutura, não permite tanta análise e interpretação, o Estadão tem como escolha editorial utilizar o termo “supremacistas brancos”.

No decorrer da notícia o jornal apresenta falas dos manifestantes como “Judeus não vão tomar nosso lugar” e falas do ex-líder da Ku Klux Klan, David Duke. A Ku Klux Klan foi um círculo secreto, uma seita, criada em 1865 nos Estados Unidos da América, devido a não aceitação da derrota do Exército Confederado na Guerra da Secessão (1861-1864), com objetivo de perseguir e agredir negros libertos pela abolição da escravatura, proposta pelo lado vencedor da Guerra. Ao longo da história a KKK, como é conhecida, teve flutuações em sua influência e ações no EUA e hoje, seus membros também estão filiados a outras organizações abertamente neonazistas.

O jornal, procura trazer a suposta pluralidade de opiniões e contextualizar as falas aos movimentos neonazistas, contudo, apresenta em sua manchete um termo utilizado por estas pessoas e que em sua essência já possui uma carga racista e nazista: “os supremacistas brancos”. O uso desse termo vai contra os princípios editoriais do Estadão previamente apresentados, e eles, por si só, deveriam ser critérios para o posicionamento político, alinhado aos princípios, sobre o fato ocorrido em Charlottesville.

A Folha de São Paulo apresenta seus princípios editoriais em 12 pontos, no terceiro aponta a priorização de temas de acordo com o interesse público e a expressividade da população: “Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público”. A matéria de Charlottesville se enquadra nesse ponto.

O ponto seguinte propõe “Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes”. Nota-se a presença da promoção dos direitos humanos.

A matéria da Folha, assim como a do Estadão, teve uma abordagem mais factual e restringiu sua manchete às mortes que aconteceram durante a manifestação: “Três morrem em marcha de supremacistas brancos nos EUA”. Não apresenta uma linha fina,

a notícia parte da manchete para uma fotografia e em seguida o texto com o uso de lide. A notícia foi publicada no dia 12 de agosto de 2017, também no início da tarde, às 14h07, foi escrita em São Paulo.

O posicionamento do jornal em relação aos Direitos humanos também não foi priorizado pela Folha ao utilizar o termo “supremacistas brancos” e no desenvolvimento da notícia apresenta o fator do confronto entre a manifestação anti-racista que teve início devido aos atos do dia anterior. Contudo, não aprofunda o tema e no final utiliza uma retranca intitulada como “DIREITO DOS BRANCOS”. A retranca contextualiza o motivo pelos quais tais grupos racistas e neonazistas de extrema-direita estavam protestando e acrescenta informações sobre a KKK.

A abordagem utilizada pela Folha de São Paulo foi mais dispersa que a do Estadão, e os temas se confundiam durante a notícia. Muita informação e pouca contextualização para situar o leitor. E assim como Estadão, apesar de seu posicionamento editorial, não teve uma postura mais política e questionadora em relação aos termos autointitulados por tais grupos. A dispersão dos fatos, está provavelmente associada a necessidade competitiva de publicação imediata da notícia e o distanciamento geográfico do repórter em relação ao local da notícia, mas também pode estar ligada a um viés ideológico.

Outro veículo analisado é a BBC Brasil. Ao pesquisar os princípios editoriais do veículo fui encaminhada a um link de pdf quebrado e não pude acessar o documento. O veículo já foi informado, e até o fechamento desta edição, não recebi resposta. Entretanto a BBC UK, do Reino Unido, possui um site específico para seus princípios editoriais nos quais a BBC Brasil se baseia.

A notícia foi publicada no dia 12 de agosto de 2017 e o repórter do jornal foi enviado à Charlottesville para realizar a pauta, a manchete utilizada já traz um posicionamento mais contundente em relação ao alinhamento político dos manifestantes e seus posicionamentos que vão contra os direitos humanos: “Sou nazista, sim!': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus”. A linha fina também reintegra um posicionamento editorial antirracista: “Centenas de homens e mulheres carregando tochas, fazendo saudações nazistas e gritando palavras de ordem contra negros, imigrantes, homossexuais e judeus”.

Ao contrário das notícias da Folha e Estadão, a BCC Brasil não utiliza o lide e inicia o texto com um abre mais literário, o repórter como narrador, diferentemente do que Ricoeur (1983) afirma, utiliza um discurso direto e se coloca, literalmente, no local,

não procura deixar sua presença imperceptível ao leitor, pois o fato de estar na cobrindo a manifestação permite que o repórter contextualize os fatos de forma mais concisa.

Ao longo do texto o repórter se faz mais presente ao informar que uma fala de uma mulher na manifestação foi interrompida por outro manifestante que aponta que o repórter não era estadunidense: “Vocês estão falando com um estrangeiro. Olha o sotaque dele!”. Além disso, a notícia consegue ambientar melhor, em relação às outras duas já analisadas, o enfrentamento entre os manifestantes nazistas e antirracistas e o porquê desse fato social ter acontecido.

O Nexo Jornal, assim como a BBC Brasil não tem seus princípios editoriais publicados em seu site e também foi solicitado a disponibilização e publicação deles. E até o fechamento desta edição não havia mandado o conteúdo. Apesar de não ter seus princípios editoriais disponibilizados de forma pública, a notícia publicada pelo Nexo Jornal possui na manchete um posicionamento editorial pró direitos humanos e contra racistas: “A campanha que expõe os manifestantes racistas de Charlottesville”.

Ao contrário das outras três notícias, o Nexo Jornal publicou apenas no dia 14 de agosto de 2017, dois dias após o fato em si e optou por uma matéria analítica com foco na ação de uma conta de Twitter que expôs os manifestantes racistas presentes em Charlottesville à sociedade. A linha fina da notícia diz: “Perfil do Twitter foi criado em 2012 para localizar supremacistas brancos e conta com 261 mil seguidores”.

A notícia não faz uso do modelo de lide e utiliza um abre contextualizando com o primeiro homem presente na manifestação que exposto pela conta @YesYoureRacist e sua demissão após a exposição. A notícia também apresenta um histórico do perfil, e como por meio das #Charlottesville e #GoodNightAltRight a conta pode reunir informações para identificar as pessoas presentes na manifestação e que tinham sido fotografadas ou filmadas.

A notícia faz uma retranca para falar especificamente das pessoas racistas identificadas e expostas que fazem parte da comunidade universitária de Charlottesville e outra retranca explicando brevemente o fato ocorrido em 12 de agosto de 2017 e foi escrita de São Paulo.

No mesmo dia o Nexo Jornal publicou outra notícia com a manchete: “Quais as causas e consequências da manifestação de ódio racial nos EUA”, com uma abordagem de análise e contextualização, assim como a anterior, mas que não será analisada neste trabalho.

As informações utilizadas para realizar tais análises encontra-se na tabela comparativa abaixo, que possui as manchetes, linhas finas, lides ou abres dos quatro veículos utilizados analisadas neste trabalho. A partir dela, é possível notar as similaridades linguísticas e de estruturas textuais entre as notícias da Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, ambas com abordagem mais omissa em relação a nomear ou não a manifestação como racista e priorizando reportar hard news, com pouco espaço para análise e contextualização histórico-social.

Tanto a notícia da BBC Brasil como Nexo Jornal não utilizam o lide tradicional e têm um abre mais flexível e adequado com a proposta da pauta e abordagem do repórter. A matéria da BBC Brasil está mais contextualizada, devido à presença do repórter no local. E o Nexo Jornal faz uma análise após o fato noticiado pelos outros veículos, utilizando como pauta um desdobramento dos que aconteceu no dia 12 de agosto de 2017.

Veículo	Manchete	Linha Fina	Lide/Abre
Estado de São Paulo	Dia de manifestação de supremacistas brancos termina em violência e 3 mortes nos EUA	Estado da Virgínia decreta emergência; analistas e veículos de imprensa americanos classificaram atropelamento durante marcha de 'ato de terrorismo doméstico'	“CHARLOTTESVILLE - Três pessoas morreram e 34 ficaram feridas no fim de um dia de caos e confrontos neste sábado, 12, em Charlottesville, na Virgínia, durante a maior manifestação de defensores da supremacia branca da história recente do EUA. Uma das mortes ocorreu quando um motorista avançou com seu carro contra uma multidão que protestava contra a marcha e o racismo. Analistas e veículos de imprensa americanos classificaram o atropelamento como "ato de terrorismo doméstico". Autoridades locais investigavam ainda duas mortes de policiais que estavam em um helicóptero que caiu perto de Charlottesville. Apesar de ligarem essas duas mortes aos protestos, as autoridades não deixaram claro como os dois fatos estavam conectados. A Polícia da Virgínia confirmou que o helicóptero pertencia à corporação e os mortos nesse acidente eram os policiais Jay Cullen e Burke M.M. Bates, que davam apoio aos agentes em solo.”
Folha de São Paulo	Três morrem em marcha de supremacistas brancos nos EUA	Uma fotografia segue a manchete, e abaixo dela está o <u>lide</u> .	“Pelo menos três pessoas morreram neste sábado (12) em Charlottesville, uma cidade universitária de 47 mil habitantes no Estado da Virgínia que virou palco simultâneo da maior manifestação de supremacistas brancos do passado recente dos EUA e de um protesto antirracismo. O governador Terry McAuliffe (democrata) declarou emergência no município, que fica a 2h30 de carro da capital do país, Washington, e o presidente Donald Trump condenou a violência.”
BBC Brasil	'Sou nazista, sim': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus	Centenas de homens e mulheres carregando tochas, fazendo saudações nazistas e gritando palavras de ordem contra negros, imigrantes, homossexuais e judeus.	“Foi a cena - surreal, para muitos observadores - que desfilou aos olhos da pacata cidade universitária de Charlottesville, no Estado americano de Virgínia. O protesto, na noite da sexta-feira, foi descrito pelos participantes como um aquecimento para o evento "Unir a Direita", que acontece na tarde deste sábado na cidade e promete reunir mais de mil pessoas, incluindo os principais líderes de grupos associados à extrema direita no país. A cidade, de pouco mais de 50 mil habitantes e a apenas duas horas de Washington, foi escolhida como palco dos protestos após anunciar que pretende retirar uma estátua do general confederado Robert E. Lee de um parque municipal. Durante a Guerra Civil do país (1861-1865), os chamados Estados Confederados, do sul americano, buscaram independência para impedir a abolição da escravatura. Atualmente, várias cidades americanas vêm retirando homenagens a militares confederados - o que tem gerado alívio, de um lado, e fúria, de outro.”
Nexo Jornal	A campanha que expõe os manifestantes racistas de Charlottesville	Perfil do Twitter foi criado em 2012 para localizar supremacistas brancos e conta com 261 mil seguidores.	“Com uma tocha nas mãos, Cole White estava entre os manifestantes que participaram da passeata racista “Unite the right” (“una a direita”) em Charlottesville, Estados Unidos no dia 11 de agosto. Ele foi também a primeira pessoa a ser identificada e exposta pelo perfil Yes, You’re Racist (sim, você é racista) nas redes sociais. No dia seguinte, White pediu demissão da lanchonete em que trabalhava. A empresa colocou um aviso na fachada para comunicar aos clientes sobre sua saída. O Yes, You’re Racist foi criado em 2012 para localizar supremacistas brancos. O perfil conta hoje com 261 mil seguidores, que contribuem com informações que possam revelar possíveis racistas. Tweets mostrando o rosto e o nome de participantes da passeata em Charlottesville estão recebendo entre 30 e 40 mil retweets, indicando um amplo alcance da campanha. Um dos tweets diz “Se você reconhece qualquer um dos nazistas que marcharam em #Charlottesville, me mande seus nomes/perfis que eu os farei famosos #GoodNightAltRight (boa noite, direita alternativa, em tradução livre).”

Tabela 1 - Comparação do que foi publicado sobre Charlottesville em quatro veículos brasileiros

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças entre esses quatro veículos na cobertura sobre Charlottesville apontam não apenas diferenças editoriais relativas à estrutura e angulação do texto, mas também à omissão ou posicionamento editorial político e social sobre a abordagem crítica de um assunto que não pode ser deixado apenas à análise do leitor, que precisa do posicionamento do veículo de comunicação. Racismo não apenas configura um ataque aos direitos humanos, como também é um crime.

À primeira vista, a imprensa cabe noticiar os acontecimentos do passado imediato, não só para informar os cidadãos o que acontece ao seu redor (do bairro ao planeta) mas, também, para registrar o que no futuro servirá de matéria-prima aos historiadores na tarefa de escrever a história do passado. É evidente, nesta passagem, que os fatos acontecidos chegam aos interessados através da descrição que se faz pela linguagem. (BERGER, 1998, p. 17).

Berger (1998) afirma que o contato da notícia com o leitor chega por meio da linguagem. Desta forma, o uso de palavras com cunho racista e que pregue uma supremacia de raças como o termo “supremacistas brancos” utilizado pela Folha e Estadão, apontam uma disparidade entre os princípios editoriais e a sua aplicação de fato. Em prol de uma suposta isenção jornalística, o registro histórico feito por esses dois veículos da imprensa brasileira mostrará uma omissão política diante de um fato social importante para a resistência dos movimentos antifascistas, antirracistas e antinazistas.

Em contrapartida, BBC Brasil e Nexo Jornal fizeram o oposto da Folha e Estadão. Não tinham seus princípios editoriais publicamente divulgados e publicizados, mas assumiram posições editoriais ao apontar a manifestação como racista. A notícia da BBC Brasil ainda se utilizou da fala de um dos manifestantes para passar esse posicionamento, mas o Nexo Jornal escreveu o cunho da manifestação, sem o uso de aspas.

Há pouco tempo, entrei em contato com o livro *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie, o romance conta a história de Ifemelu, uma mulher nigeriana que se muda para os Estados Unidos para cursar uma faculdade de comunicação e tentar melhorar as condições de vida da família com trabalhos no “país das oportunidades”. Ifemelu narra como se tornou marcadamente uma mulher negra ao pisar nos Estados Unidos, e ao longo de sua história, passa a escrever um blog sobre suas experiências no novo país, todas

relacionadas com o fato de ser negra. Em um de seus posts Ifemelu comenta sobre como as ofertas de emprego nos EUA são determinantes para decidir quem é racista:

Nos Estados Unidos, o racismo existe, mas os racistas desapareceram. Os racistas pertencem ao passado. Os racistas são os brancos malvados de lábios finos que aparecem nos filmes sobre a era dos direitos civis. Esta é a questão: a maneira como o racismo se manifesta mudou, mas a linguagem, não. Então se você nunca linchou alguém, não pode ser chamado de racista. Se não for um monstro sugador de sangue, não pode ser chamado de racista. Alguém tem de poder dizer que racistas não são monstros. São pessoas com famílias que as amam, pessoas normais que pagam impostos. Alguém tem de ter a função de decidir quem é racista e quem não é. Ou talvez esteja na hora de esquecer a palavra ‘racista’. Encontrar uma nova. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda. (ADICHIE, C.N. Americanah, 2014, p.329.)

O alto teor de ironia que Chimamanda apresenta na voz de sua personagem é justamente parte do objetivo do livro, denunciar o racismo que as pessoas negras podem sofrer, inclusive o velado. Concordo com as palavras sarcásticas de Ifemelu, uma Síndrome do Distúrbio Racial, por exemplo, seria uma ótima forma de tirar o problema do racismo de cima dos racistas e transferir para quem sofre, ou seja, para os negros. Toda pessoa é passível de ser racista, pois este é um problema estrutural, mas fingir que ele não existe não diminuirá o racismo que as pessoas negras enfrentam diariamente.

Tal síndrome obviamente não existe, mas colocar em uma manchete que “Dia de manifestação de supremacistas brancos[...]” e “[...]marcha de supremacistas brancos”, como o Estadão e Folha de São Paulo fizeram, é justamente dar reconhecimento público para um grupo que é abertamente racista. E ao conferir a autoridade de reconhecimento público, automaticamente passa a ideia de que, de fato, existe uma raça que é superior que outra, e que tal raça fez uma marcha em Charlottesville.

Ifemelu ironiza sobre os racistas serem “brancos malvados de lábios finos que aparecem nos filmes sobre a era dos direitos civis”. Enquanto o imaginário das pessoas foram que os racistas são estes homens, a linguagem continua ferindo e sendo racista. Os jornais continuam dando credibilidade para discurso racista, sendo racista e assim, finge-se que não existe um problema de racismo nos EUA.

Infelizmente, quando Chimamanda publicou seu livro, ela não tinha noção dos atos que aconteceriam anos depois em Charlottesville. A pequena cidade do Estado da

Virgínia foi crucial para mostrar diversos tipos de racistas, tanto os “brancos malvados de lábios finos”, quanto mulheres, “pessoas normais que pagam impostos” e jornais que se escondem na áurea da imparcialidade jornalística, e mesmo assim, dão espaço para discurso racista, de ódio e criminoso.

REFERÊNCIAS

ADICHIE C.N. **Americanah**. Companhia das Letras, 2014.

BERGER, C. **Campos em Confronto: a Terra e o Texto**. Porto Alegre: Editora UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

CAMILO ROCHA. **A campanha que expõe os manifestantes racistas de Charlottesville** – Nexo Jornal – São Paulo – 14 de agosto de 2017 – Expresso. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/bCEKph>> Acesso em: 19/11/2017.

CLÁUDIA TREVISAN - **Dia de manifestação de supremacistas brancos termina em violência e 3 mortes nos EUA** – O Estado de São Paulo – Washington – 12 de agosto de 2017 – Internacional. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/gjXqba>> Acesso em: 19/11/2017.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Código de Conduta e Ética**. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/FyHXeX>> Acesso em: 19/11/2017.

FOLHA DE SÃO PAULO – **Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância: Princípios Editoriais** – 30 de maio de 2017 – Projeto Editorial da Folha. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/ZGieja>> Acesso em: 19/11/2017.

MOTTA, L.G. **A Psicanálise do Texto: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (COMPÓS). Faculdade de Comunicação UNB. 2000.

REDAÇÃO. **Três morrem em marcha de supremacistas brancos nos EUA** – Folha de São Paulo – São Paulo – 12 de agosto de 2017 – Mundo. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/8bZbhJ>> Acesso em: 19/11/2017.

RICADARDO SENRA. **'Sou nazista, sim': o protesto da extrema-direita dos EUA contra negros, imigrantes, gays e judeus** – BBC Brasil – Charlottesville – 12 de agosto de 2017 – Internacional. Disponibilizado em: <<https://goo.gl/SZuxcF>> Acesso em: 19/11/2017.

THINK OLGA. **Mini manual do Jornalismo Humanizado** – parte III: Racismo. 2016.